

# Bem-vindos a Baltimore, a ratoeira da América

*Rat Film*, estreia fulgurante do realizador Theo Anthony, é um olhar político sobre uma cidade que tem feito manchetes por causa da violência racial – e da sua população de ratazanas. Está no Doclisboa



**Rat Film** questiona as razões históricas de um ordenamento urbano que torna muito nítidas as divisões sociais e raciais

## Cinema Jorge Mourinha

A 12 de Abril de 2015, agentes da polícia de Baltimore prenderam o jovem negro Freddie Gray. Uma semana depois, após alguns dias em coma, Gray viria a morrer de ferimentos sofridos no momento da detenção e durante o transporte para a esquadra, sem que o departamento policial da cidade tivesse conseguido explicar como

tinha sido ferido. As manifestações e os motins que se seguiram foram dos momentos mais públicos do debate sobre a violência policial contra a comunidade negra norte-americana que tem estado activo nos Estados Unidos. E é impossível não pensar nele enquanto vemos *Rat Film*, de Theo Anthony (n. 1989), um dos momentos imperdíveis do concurso do Doclisboa (segunda passagem hoje, às 14h, na Culturgest): porque o fotógrafo e cineasta reside na cidade, co-

briu as manifestações e não faz outra coisa que não filmar Baltimore nesta sua primeira longa-metragem.

No entanto, “o que surgiu primeiro foi exactamente o primeiro plano do filme,” diz ao PÚBLICO. “O plano da ratazana a tentar saltar para fora do caixote do lixo. Foi literalmente o princípio do filme. Cheguei a casa, vi a ratazana, equilibrei o iPhone no caixote e filmei, e a partir daí as coisas começaram a ganhar embalagem.”

E, perguntará o leitor, o que tem

uma ratazana normal a ver com Baltimore e os protestos contra a violência policial? “O filme nunca fala directamente dos protestos, mas estas coisas não aparecem por acaso”, explica Anthony. “*Rat Film* nasceu de eu viver em Baltimore e de querer perceber por que é que a cidade tem o aspecto que tem. É uma cidade muito segregada, com uma escala geográfica muito mais pequena do que Detroit ou Nova Iorque, o que permite ver as divisões sociais muito mais nitidamente. No espaço de dois quarteirões, passamos das zonas mais endinheiradas para ruas cheias de casas abandonadas. E quando começamos a investigar percebemos que isso não é acidental – a cidade foi planificada desse modo, e isso propagou-se até hoje.”

Anthony descreve *Rat Film* como “uma tentativa desesperada de traçar um esquema da história da cidade, de usar essa história para falar do presente”. A partir da ratazana original do caixote do lixo, as pesquisas do realizador levaram-no a uma equipa de oito desinfestadores contratados pelo município para exterminar a população de ratazanas da cidade, e daí às razões da existência de um problema de ratazanas, e daí à compreensão de que a cidade foi planificada no século XX segundo divisões sociais e raciais.

É inevitável pensar na ratazana como uma metáfora da população de Baltimore, até porque uma das variantes do *Rattus norvegicus* foi manipulada geneticamente e deu origem aos ratos usados como cobaias em experiências de laboratório – um pouco como a própria cidade foi sendo manipulada pelos legisladores. “Mas não quero que as pessoas saiam do filme com uma conclusão tão simplista!”, avisa Anthony. “Ainda não sei exactamente o que é que a ratazana representa no filme. O que me interessou no animal tem precisamente a ver com a possibili-

dade de poder pegar nesta metáfora muito usada, muito gasta, e de a levar para locais nada óbvios. A ratazana era um veículo extremamente maleável para explorar uma série de metáforas e os modos como elas funcionam, ou não funcionam.”

Acima de tudo, *Rat Film* é uma tentativa de fazer um filme político que não seja politicamente correcto, e que esteja consciente dessa incapacidade de dar respostas. “Nem sei o que é a correcção política!”, ri-se Anthony. “Vejo os dois lados da questão, porque há gente politicamente incorrecta que é completamente ignorante e gente politicamente correcta que gosta de viver numa câmara de eco alheada das coisas. Estou constantemente a questionar a minha própria abordagem política e ética. Tento fazer filmes políticos ou sociais que mostram como essas questões fazem organicamente parte do tecido da realidade. O que me motiva é ver as ligações entre as pessoas, as imagens e os locais, e tentar traçar um mapa dessas ligações, de um modo que subverta as expectativas de quem se senta a ver o filme.”

“

**Baltimore é muito segregada. Em dois quarteirões passamos das zonas mais endinheiradas para ruas cheias de casas abandonadas**

**Theo Anthony**  
Realizador

